A GAZETA

Rio Branco (AC), quarta-feira, 1º de junho de 2005

Na Semana do Meio Ambiente



FRANCISCO GREGÓRIO FILHO*

Moro numa cidade bonita. Uma cidade com muitas virtudes. As virtudes herdadas da mãe natureza, como as surgidas a partir da interferência humana. E essa presença humana criou um molho, um tempero muito especial e um bonito exercício da tolerância. Nessa cidade, as mulheres e os homens constroem uma sociedade solidária e fraterna. Os credos e as crenças são possíveis. As ações propositivas são muitas. Os movimentos positivos das pessoas em grupo são construtores de uma comunidade de esperança no futuro. Futuro esse com mais justiça e maior distribuição de renda.

Destaco aqui os artistas, trabalhadores das diversas linguagens: teatro, música, cinema, artes visuais, dança, artesanato, folguedos e a literatura pelos esforços desprendidos para propor uma ambiência estética e ético-poética. Tão necessária para a saúde e o desenvolvimento econômico social e cultural desejado por todos os segmentos constitutivos dessa sociedade. Pois essa cidade querida, cantada em versos e prosa especialmente pelas crianças, vive uma crise de aterrorizar os diversos moradores das áreas urbanas: a presença da industria automobilística.

Para uma cidade que acolhe 300 mil moradores, dispõe em suas ruas, ainda parcialmente urbanizadas, de uma frota de aproximadamente 60 mil carros, até ai tudo bem, se a relação dos humanos com essas máquinas fosse minimamente civilizatório, o caos no transito é infernal.

Aqui caro leitor peço licença para lembrar que dessa maneira estou a relatar uma impressão pessoal e claro, não é absoluta, ao contrário, é muito relativa, mas considero que devo expressá-la. Amo essa cidade, porém como morador, estou aterrorizado e perplexo com tamanha violência que meus olhos têm testemunhado. Diariamente me encaminho para o centro da cidade a pé (quando o tempo permite) ou de carro. Portanto, não vou e volto do trabalho para casa de canoa pelo rio e/ou pelos igarapés, e sim pelas ruas de carro ou a pé entre os carros, as motocicletas e ainda as bicicletas. O sentimento é de ameaça o tempo todo. Ando muito tenso. Preciso de ajuda e preciso ajudar. O que fazer? Em que posso participar e de alguma maneira contribuir para melhorar essa situação? Como outras pessoas podem também se organizar para chamar a atenção de toda a sociedade moradora da cidade? Quais são as ações que estão em desenvolvimento junto a esses motoristas? Educação de ou no trânsito?

Perdoe-me pelo exagero, CUIDADO! OLHA O CARRO!

É que gosto muito de morar em Rio Branco, cidade onde nasci há muito... não, há pouco mais de 50 anos, no bairro da Capoeira, e fui criado brincando pelas ruas da capoeira, da cerâmica e nas proximidades do Colégio Acreano, integrado ao meio ambiente.

Estou a escrever essas linhas acometido pela Dengue, coisa que também pode ser cuidada...

*** Francisco Gregório Filho é contador de Histórias.**